

Declaração da III Assembleia das mulheres da Via Campesina

Reunidas em Maputo, Moçambique, durante a V Conferência Internacional da Via Campesina, nós, as mulheres do campo de diferentes continentes, realizámos a nossa III Assembleia Mundial. Encontrámo-nos com a alegria de compartilhar o carinho de companheiras, a riqueza das nossas culturas diversas e a beleza das mulheres da África, Ásia, Europa e das Américas.

Mulheres com histórias e lutas comuns pela vida, pela terra, pelos territórios, pela Soberania Alimentar, pela justiça, pela dignidade. Mulheres que compartilhamos saberes e experiências, convencidas que as ideias, como as sementes, quando são intercambiadas crescem e multiplicam-se.

Somos mulheres que ao longo da história têm lutado contra a violência. Lutadoras que defenderam e continuam a defender os nossos territórios e culturas do saque, da devastação e da morte perpetradas por aqueles que nos impuseram o seu poder desde os tempos coloniais, e hoje continuam a tentar colonizar não só os nossos territórios, como também as nossas mentes e as nossas vidas

Como mulheres, reclamamos o respeito de todos os nossos direitos, rejeitamos o sistema patriarcal, e todas suas expressões discriminatórias; e reafirmamo-nos no exercício pleno da participação cidadã. Exigimos o nosso direito a uma vida digna; o respeito pelos nossos direitos sexuais e reprodutivos; e a aplicação imediata de medidas para erradicar toda forma de violência física, sexual, verbal e psicológica; como também exigimos a eliminação de práticas de feminicídio que ainda persistem.

Denunciamos que os processos migratórios, particularmente os das mulheres, estão estreitamente relacionados com o empobrecimento e a violência social e de género no campo. As deslocções das mulheres para centros de produção empresarial, o tráfico de mulheres para enriquecer a indústria do entretenimento, assim como as expulsões das mulheres das terras produtivas, conjuram contra a permanência e meios de sustento das comunidades camponesas e contra a Soberania Alimentar.

Reafirmamos que denunciar a discriminação contra as mulheres implica reconhecer que, embora o sistema patriarcal capitalista e o machismo tenham existência histórica, o modelo neoliberal acirra as condições de discriminação e aumenta as situações de violência contra mulheres e meninas nas zonas rurais. Assim, na luta anti-neoliberal, deve-se seguir paralelamente com a luta pela igualdade de género, a não discriminação das mulheres e o combate sem um minuto de hesitação contra todas as formas de violência doméstica que sofrem as mulheres.

Reconhecemos que todas as mulheres sofrem de discriminação, contudo, nem todas são discriminadas da mesma forma. Não é a mesma coisa ser mulher dentro da parcela dos 20% mais ricos do que ser mulher da parcela mais pobre; não é a mesma coisa ser empresária que ser trabalhadora; ser jovem, adulta ou mais velha; ser branca, negra, mestiça ou indígena; ser urbana ou ser rural.

Nós mulheres sofremos discriminação de classe, género, étnica, sexual, estética, entre outras. Esta complexidade deve ser assumida não só como expressão política para denunciar a discriminação, mas também como perspectiva para construir um novo tipo de sociedade.

Acreditamos que uma sociedade diferente com outros tipos de relações de gênero é possível. Um outro mundo é possível agora

A globalização e o resultado da divisão do trabalho está baseada na questão do gênero, onde as mulheres ocupam sectores de produção internacionalizados, tais como no agronegócio, nas maquilas do México, América ou Ásia, ou o turismo sexual.

Para conquistar a Soberania Alimentar como mulheres da Via Campesina, comprometemo-nos a lutar conjuntamente por uma Reforma Agrária integral, para eliminar todas as formas de violência geradas nos modos de produção capitalistas e que provocam as crises dos alimentos no mundo, as mudanças climáticas, o avanço das monoculturas, os transgênicos e os agronegócios.

Estas expressões incluem:

- aumento da fome e das doenças graves e mortais;
- aumento significativo da pobreza e aumento da assimetria entre ricos e pobres;
- violação dos direitos humanos e repressão política;
- mercantilização e privatização da natureza e das terras agrícolas tradicionais, levando os povos indígenas, camponesas e camponeses a deslocamentos e migrações forçadas;
- privatização e contaminação da água e do ar;
- extracção incessante de minerais e destruição, apropriação e concentração da terra produtiva;
- perda dramática da biodiversidade e destruição dos bosques;
- destruição das tradições, conhecimentos e métodos de produção camponesa;
- mudanças climáticas imprevisíveis que destroem os cultivos;
- perda do controle das sementes pelas camponesas e camponeses, e sua apropriação pelas empresas transnacionais, resultando na perda de alimentos culturalmente apropriados;
- incremento dos preços dos alimentos básicos sem que eles beneficiem as camponesas e os camponeses, nem as pequenas agricultoras e os pequenos agricultores.

A luta contra a violência contra as mulheres começa nos nossos corações e nas nossas consciências. Para acabar com todas as formas de violência é necessário unirmo-nos na luta e comprometemo-nos para construir uma sociedade mais justa. Unamos as nossas vontades para construir um mundo sem violência, começando por construir uma mulher nova e um homem novo.

Nós, mulheres da Via Campesina, continuaremos a construir um mundo cheio de vida, de justiça, e igualdade. Nesta III Assembleia Mundial das Mulheres conclamamos a todos os membros, de todas as partes do mundo, mulheres e homens, a assumir esta luta. Pela vida e pela Soberania Alimentar. Basta de violência contra as Mulheres do campo. Já.

Globalizemos a esperança!

Globalizemos a luta!